

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-CAMPUS VII
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JESSICA MAYARA DO NASCIMENTO SILVA

**LITERATURA INFANTIL: A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

CODÓ-MA

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Jéssica Mayara Do Nascimento.

Literatura Infantil : A Arte de Contar Histórias e sua Contribuição na Formação de Leitores / Jéssica Mayara Do Nascimento Silva. - 2021.

41 p.

Orientador(a): Aziel Alves de Arruda.

Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2021.

1. Contação de Histórias. 2. Educação Infantil. 3. Literatura Infantil. I. Arruda, Aziel Alves de. II. Título.

JESSICA MAYARA DO NASCIMENTO SILVA

**LITERATURA INFANTIL: a arte de contar histórias e sua contribuição para a
formação de leitores na educação infantil**

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em
Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão-
Campus de Codó, como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Aziel Alves de Arruda

Codó-MA

2021

JESSICA MAYARA DO NASCIMENTO SILVA

**LITERATURA INFANTIL: A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao curso de pedagogia da UFMA/ CAMPUS VII – Codó,
para obtenção do diploma de licenciatura em pedagogia.

Aprovada em _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aziel Alves de Arruda
Orientador

Profª Dra. Cristiane Dias M. da Costa – UFMA
1º Examinador

Profª Esp. Maria Kelcilene da S. Sousa
2º Examinador

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, agradecer a Deus, pois é maior força que temos para enfrentar tudo na vida, juntamente com minha família que tanto me apoiou durante a graduação, precisei de muita ajuda, e isso nunca me faltou, por isso aqui faço meus agradecimentos. Agradecer essa oportunidade dada por Deus de viver essa experiência desafiadora, por sempre me mostrar a luz no fim do túnel, por dar forças para superar cada desafio que apareceu no meu caminho.

Agradeço a toda minha família, principalmente minha mãe, que é minha avó, Francisca de Jesus Alves da Silva, por ter me criado, mesmo em meio a tantas dificuldades, sempre esteve ao meu lado me apoiando. Meu esposo, Maxwell Soares Azevedo, que foi quem me encorajou a adentrar nesse curso e sempre me ajudou com minha filha, pois não é fácil ser universitária, mãe, esposa e dona de casa. Quero agradecer também a minha irmã, Marina Beatriz do Nascimento Silva, por me ajudar sempre e me dá forças para continuar, começamos essa graduação juntas, infelizmente ela desistiu por não ter afinidade com o curso, então eu continuei essa batalha e ela sempre dizendo você vai conseguir e te admiro por continuar.

Agradeço a minha tia, Marlúcia da Silva Carvalho, que também conhece muito sobre esse meu percurso, ela também é professora sempre estudávamos juntas uma ajudando a outra, além de tia sempre foi minha melhor amiga, ela que, sempre me ajudou, me incentivou, que estava comigo nas crises de ansiedade para me acalmar e me fazer acreditar que ia dar certo, se não fosse esse apoio talvez hoje eu não estaria concluindo o curso.

Fico grata a Raimunda Ferreira, que sempre me ajudou nos momentos que mais precisei, principalmente agora na conclusão do curso. Não poderia esquecer também da minha amiga Cecília Flor, que sempre esteve comigo durante nosso percurso acadêmico, sempre tendo paciência e sendo prestativa quando eu tinha minhas dúvidas em relação às atividades, trabalhos, aulas, obrigada!

Agradeço minha primeira orientadora, professora Kelcilene que sempre me incentivou e ressaltou que eu conseguiria vencer esse desafio, me ajudou bastante sempre com muita paciência e atenção, uma professora excelente.

Agradeço ao meu orientador professor Dr^o Aziel Alves de Arruda, que me aceitou e confiou que eu conseguiria, pois tive que trocar de orientador, que se dispôs a ajudar

e orientar nesse passo importante para minha formação, pela disponibilidade, paciência que teve durante todo o processo de continuidade do trabalho. A Professora Cristiane Dias que também foi primordial, me ajudou bastante durante toda essa caminhada e faz parte da concretização desse trabalho através da ministração da disciplina de TCC 1 que foi o primeiro passo que dei, a definição dos meus objetivos. Agradeço aos colegas de turma por fazer parte de caminhada junto comigo, em especial a minha amiga Patrícia, uma pessoa maravilhosa, fizemos alguns estágios juntas e sempre deu certa nossa parceria, agradece-la pelos conselhos e incentivos ela também é responsável por hoje eu estar concluindo meu curso, não me deixou desistir nos momentos difíceis.

Gostaria de agradecer também a todos os professores da UFMA que fizeram parte desse processo, por dividirem seus conhecimentos, pelos seus ensinamentos, pois isso me permitiu ter um bom desempenho no processo de formação.

RESUMO

Tendo como objetivo a análise da arte de contar histórias na educação infantil, como processo de formação de novos leitores, a presente pesquisa utilizou a metodologia da pesquisa bibliográfica, baseada em Marconi e Lakatos (2002). Foram analisadas 11 pesquisas científicas sobre o tema, publicadas nos últimos dez anos, em dois consagrados acervos eletrônicos: a Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Verificou-se que a contação de histórias na educação infantil é um campo interdisciplinar, com contribuições da Educação, Letras e Artes, que abordam o tema a partir de diversas perspectivas: cultura corporal; imaginação e criatividade; expressão e comunicação; formação de professores; e incentivo à leitura. Sobre esse último ponto, há um consenso entre os pesquisadores sobre a importância da contação de histórias na formação de novos leitores, desenvolvendo o hábito da leitura como atividade lúdica e prazerosa, capaz de formar um cidadão crítico e criativo, apto para respeitar a diversidade cultural.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Literatura Infantil. Educação Infantil.

ABSTRACT

Aiming at analyzing the art of storytelling in early childhood education, as a process of training new readers, this research used the methodology of bibliographic research. Eleven scientific researches on the subject, published in the last ten years, in two renowned electronic collections, were analyzed: Scielo (Scientific Electronic Library Online) and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD). It was found that storytelling in early childhood education is an interdisciplinary field, with contributions from Education, Letters and Arts, which approach the theme from different perspectives: body culture; imagination and creativity; expression and communication; teacher training; and encouragement to read. On this last point, there is a consensus among researchers on the importance of storytelling in the formation of new readers, developing the habit of reading as a playful and enjoyable activity, capable of forming a critical and creative citizen, able to respect cultural diversity.

Keywords: Storytelling. Children's literature. Child education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E A EDUCAÇÃO INFANTIL	13
3. PERCURSO METODOLÓGICO: A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
4.1. SÍNTESE DAS PUBLICAÇÕES SOBRE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E EDUCAÇÃO INFANTIL.....	28
4.2. DIVERSIDADE DE PERSPECTIVAS SOBRE A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS	33
4.3. ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO DE LEITORES.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização humana a contação de histórias é um hábito, devido à ausência de escrita. Com ela, muito lentamente, os mais velhos passaram seus conhecimentos e tradições aos mais novos e ainda hoje a arte de contar continua sendo muito importante.

O processo de crescimento pessoal e social de cada ser se dá quando este é capaz de relacionar-se com o outro expressando e compreendendo mais e melhor o mundo que o cerca. Pode-se afirmar que é de extrema importância no processo de contação de histórias desempenhar o papel de formar cidadãos críticos e com capacidade de operar mudanças na realidade em que vivem.

A sociedade atual exige um ser humano bem formado, que fale, escreva e se comunique bem e, sobretudo, seja sociável e crítico. O estímulo deve ter início desde a Educação Infantil. A escola proporciona para a criança a prática da contação de histórias para o desenvolvimento educativo.

Na educação brasileira encontram-se alunos em diferentes níveis de escolaridade, sem desenvolver competências para a leitura, reflexão e sem saber argumentar o conteúdo proposto. A prática da contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento dessas habilidades. Daí a importância de o educador trabalhar a diversidade de modalidades no âmbito da contação de histórias, explorar o ambiente e estimular as crianças para a livre expressão.

Nas histórias tudo pode ser argumentado e discutido, cabe ao educador estar atento aos processos de se contar histórias, transformando-se a cada dia em bons contadores de histórias com argumentos críticos e transformadores e que repassem isso para as crianças que serão os futuros cidadãos crítico e leitores.

Isto posto, e por entender-se que o processo de contação de histórias é fundamental na Educação Infantil, este trabalho tem como tema a Literatura Infantil, delimitando-se ao estudo sobre a arte de contar histórias e sua contribuição para a formação de leitores na Educação Infantil. Tendo como problemática central: qual a contribuição da arte de contar histórias na formação de novos leitores?

Adota-se como objetivo geral *pesquisar a arte de contar histórias e sua contribuição para a formação de leitores na Educação Infantil*. Tal finalidade pode ser detalhada nos seguintes objetivos específicos: compreender como se dá a formação do leitor infantil; discutir a influência da contação de histórias para o desenvolvimento

cognitivo das crianças; avaliar a contribuição dos professores para que o trabalho com histórias infantis seja efetivo.

Na formação da criança é necessário que ela ouça muitas histórias. Esse é o início da aprendizagem de sua aprendizagem e contribui para que ela se torne uma criança leitora. Ser uma criança leitora é percorrer um caminho de compreensão do mundo, tornando-se uma pessoa crítica com capacidade de pensar e refletir, aprimorando suas capacidades intelectuais.

O processo de aprendizagem infantil é aprimorado pelas histórias que a criança começa a ouvir ainda quando é pequena. São histórias transmitidas pelos pais, mães, avós e tios. Na contação de histórias é possível desenvolver o senso crítico, explorando opiniões, o modo de pensar, agir, socializar e, ainda, transmitir valores éticos e morais e conhecimentos.

O estudo se justifica e se faz relevante, pois, na educação brasileira encontram-se alunos em diferentes níveis de escolaridade, alguns dos quais sem o devido desenvolvimento da leitura apurada e argumentação crítica do conteúdo proposto. Sabendo da importância da leitura para a formação crítica do cidadão, uma pesquisa sobre a contação de histórias pode contribuir para o papel da educação na construção de uma sociedade mais democrática, justa e igualitária.

Nesse sentido, entende-se que o presente trabalho não apenas favorece a pesquisadora, mas todos aqueles que não conhecem o real valor da contação de histórias, os futuros pedagogos e as instituições de ensino. Entende-se que o conteúdo trará relevante aprendizado tratando do universo das histórias e suas contribuições não somente para as crianças, mas a todos que se interessam pelo tema.

Espera-se, pois, oferecer uma relevante contribuição para que os profissionais da Educação Infantil revejam a sua postura profissional no tocante ao processo pedagógico da contação de histórias na escola, pois é a partir da análise crítica da prática que é possível intervir para modificar uma realidade diferente daquela que seria ideal para o desenvolvimento favorável da nossa prática.

Em termos de organização de conteúdo, esta Introdução é seguida por uma seção de fundamentação teórica, no qual se desenvolve a compreensão da arte de contar histórias em toda a sua complexidade. Um acento especial é dado à interface entre a contação de história e a formação de novos leitores. A seguir, detalha-se o percurso metodológico empreendido no presente estudo, em que a pesquisa de

revisão bibliográfica contribuiu para se compreender as publicações científicas dos últimos dez anos sobre o tema. Na quarta seção, apresenta-se a síntese dos resultados obtidos com a pesquisa bibliográfica, de forma a analisar criticamente o conjunto de produções científicas sobre a contação de histórias na Educação Infantil. Há uma ênfase nas diversas áreas do conhecimento científico e nas inúmeras abordagens científicas dedicadas ao estudo do tema, de forma a apresentar a complexidade da contação de histórias em seus elementos cognitivos, afetivos, corporais, expressivos e comunicativos. Por fim, articula-se as diversas aproximações entre a arte de contar histórias e a formação de leitores na Educação Infantil, momento em que se ressalta a importância da literatura infantil na formação de um cidadão sensível, crítico e participativo.

2. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E A EDUCAÇÃO INFANTIL

A leitura está relacionada a um processo de aprendizado contínuo que requer desde cedo, um trabalho de formação de leitor que tenha um envolvimento integral com aquilo que a criança lê.

Na cultura contemporânea, a educação mudou alguns pontos, o livro aperfeiçoou, mas ainda há necessidade de mudanças. É de suma importância, portanto, que o professor conheça o processo da aprendizagem em suas várias abordagens e estejam interessados nas crianças como seres humanos em desenvolvimento. Tal postura é necessária especialmente se considerarmos que as dificuldades de aprendizagem afetam um número considerável de crianças.

É necessário formar leitores, pois a leitura leva ao conhecimento, criticidade e capacidade de discernimento e tomada de decisão na formação do aluno. Ela conduz à aprendizagem de novos significados que propiciem aos alunos produzirem maiores conhecimentos enquanto leitores conscientes, e para que isto aconteça é preciso proporcionar uma educação que tenha relação com a realidade de cada educando. É preciso despertá-lo para ações significativas em sua vida.

Sendo concebida como instrumento de poder através do tempo, a leitura tem assumido importante papel na sociedade. Ela contribui como decodificadora de signos entre outros aspectos de suma importância na vida do aluno. Segundo Freire (1984) os signos são os próprios fatos, acontecimentos, situações reais ou imaginárias em que sons, paisagens, imagens tendem a melhorar a relação homem-meio-mundo.

É válido ressaltar que ainda existe na sociedade pouco incentivo e interesse pela leitura e isso gera uma problemática na formação da criança. Segundo Souza (1998, p. 25) “o desinteresse pela leitura é um grave problema, pois a falta informação leva a preguiça mental e conduz a humanidade ao caos social e cultural”. Infelizmente, tal quadro conduz a sérios problemas no que diz respeito à leitura, linguagem, e construção de conhecimentos se tornando o reflexo da organização desestruturada em termos de formação de futuros cidadãos leitores e incentivadores da leitura.

As dificuldades de aprendizagem durante o processo de alfabetização são objeto de maior preocupação do sistema educacional. Para Ferreiro (1987), as crianças chegam à escola trazendo uma bagagem de experiências diversas que não podem ser desconsideradas. É do educador a tarefa de intervir no sentido de

possibilitar avanços nos conhecimentos dessas crianças, desenvolvendo e aperfeiçoando a prática pedagógica.

Segundo Zilberman e Moysés (2005, p.15): “A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto”.

Parte importante na vida da criança desde a mais tenra idade, a literatura constitui alimento precioso para sua alma. É conhecendo a criança e o mistério delicioso do seu mundo que podemos avaliar todo o valor da literatura em sua formação. As crianças têm um mundo próprio, todo seu, povoado de sonhos e fantasias.

A leitura requer uma valorização na sala de aula, devendo ser trabalhada com vários recursos que operam como facilitadores do desenvolvimento cognitivo das crianças. Para isso é importante que sejam incentivadas e levadas para a biblioteca, fazer leituras com elas, trabalhar com contação de história - com fantoche - e valorizar o lúdico. Essas são atividades capazes de desenvolver a criatividade de cada criança.

O professor é um dos maiores responsáveis por despertar o interesse e colaborar para formar o hábito da leitura em seus alunos. É através do incentivo e de seu trabalho docente que a criança será conduzida ao hábito da leitura.

A formação de um leitor crítico depende de como esse leitor recebe a leitura, de como ele vê a leitura. O mundo ao redor do aluno é vasto em estímulos interativos (televisão, outdoor, letreiros, etc.) que servem para despertar e incentivá-lo a buscar, cada vez mais cedo, a leitura e, conseqüentemente, a escrita. Isto sem mencionar aqueles alunos cujos pais e família têm o hábito da leitura. Assim, essa reflexão revela a relação direta que existe entre o ato de ler, entre o mundo e a língua. Para que se garanta a solidez dessa relação, é necessário desenvolver o domínio do aspecto mecânico da leitura, a percepção, o reconhecimento e a compreensão do código escrito, tarefas psicológicas normalmente de responsabilidade da escola.

A criança “lê” desde pequenina: é a sua leitura de mundo e de vida. Cabe, portanto à escola, dar continuidade a este processo, e aos professores, proporcionar-lhe o ambiente adequado para que se expresse com liberdade.

Decorre daí o papel da escola em relação à leitura, que é o de oferecer aos alunos situações em que eles aprendam a ler e leiam para aprender algo, ou seja, apreender a leitura enquanto produção de sentidos. Para formar leitores é necessário

que a escola coloque a criança em contato com os livros, de forma prazerosa, e abra espaço para que ela fale do que leu. É preciso também que os professores sejam leitores, que conheçam a natureza da literatura, as obras, os autores, que saibam selecionar textos e tenham se apropriado do conhecimento para estabelecer com os alunos as relações possíveis.

A escola deveria ensinar não somente pelas respostas dadas, mas, principalmente, pelas experiências proporcionadas, pelos problemas e conflitos criados, de maneira a formar o cidadão-leitor crítico, constituidor e construtor histórico de significados. A leitura é uma atividade que pode envolver qualquer área do conhecimento e, ainda, a própria vida do ser humano. É um dos principais instrumentos que permite ao ser humano situar-se com os outros, realizar discussões e exercitar a crítica a fim de fortalecer uma ação social.

Na verdade, o gosto pela leitura não pode ser ensinado, sendo o estímulo do professor fundamental para se tornar a aprendizagem da leitura possível, pois “a leitura é conquistada com a experiência e não com o ensino” (SMITH, 1999, p. 13). Trata-se de uma experiência intelectual e também uma vivência de mundo. Levando tudo isso em consideração o professor será capaz de orientar seu aluno para uma leitura significativa.

No entanto, o que se percebe ainda hoje é que o papel da escola e do professor na formação de bons leitores permanece sem rumo certo. Somente com um absoluto comprometimento com a inovação na prática da leitura a escola poderá desempenhar o seu papel de formadora de bons leitores, dialetizando a realidade e capacitando-os à criticidade, às problematizações.

2.1. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Com apoio nos estudos de Coelho (2009), a criança na fase pré-mágica, aos três anos de idade, prefere histórias de bichinhos, que envolvam brinquedos, objetos, seres da natureza com falas e características humanas, além do colorido que chama a atenção e agrada as crianças.

Entre os três e seis anos de idade a criança já consegue ouvir e prestar atenção em histórias mais longas com repetição, fase muito boa para se introduzir os contos

de fadas e histórias seguidas de atividades de músicas e brincadeiras (COELHO, 2009).

Com sete anos a criança gosta de histórias com aventuras, onde se percebe a interação do personagem, pois ao abstrair a criança já sabe relacionar assimilando os conceitos de família e comunidade. Aos oito anos, a criança aprecia histórias de fadas e histórias cômicas com um enredo mais abrangente. Com nove anos de idade, histórias vinculadas à realidade são bem-vindas e prendem mais este público, pois problematizam e dão oportunidade para momentos de crítica e reflexão. Já aos dez anos, a criança presta atenção em narrativas, mitos, lendas sendo um bom momento para inserir histórias que contam invenções, atividades científicas, oportunizando a criança a pensar na possibilidade de também ser uma inventora ou pesquisadora famosa e reconhecida; ideia essa que muitos levam como sonho para a fase adulta e o realizam (COELHO, 2009).

Os estudos das idades descritos podem ser encontrados no livro de Betty Coelho: *Contar Histórias uma Arte sem idade*, onde ela também explicita as fases da criança e propõe dois roteiros de teatros. Segundo Coelho (2009) a criança incide pelas seguintes fases: pré-mágica e mágica são momentos distintos de relevante interesse para a pesquisa, pois é um estudo que informa e assim transmite justificativas que ajudarão o professor no momento da escolha das histórias, norteando quais objetivos ele pode traçar e qual a melhor metodologia para se trabalhar.

A importância do compasso e da repetição também foi estudada por Coelho (2009). Nas histórias é interessante proporcionar às crianças a possibilidade de interagir, pois na fase até os três anos a criança está aprendendo a falar, sendo importante para ela a interlocução com o adulto, proporcionando momentos de interação e imitação de forma prazerosa, onde a função do educador não é corrigir e sim informar aumentando a bagagem linguística da criança.

Já a partir dos quatro anos, idade em que a criança entra na pré-escola, ela também entra na fase onde é apropriado interpretar se fazendo personagem e personificar os brinquedos e objetos que encontra pela frente, afim de fazer a significação das coisas, algo que não é simples, sendo rico em desenvolvimento psíquico para o aprendiz (COELHO, 2009).

Dos cinco anos em diante a criança está evoluindo em sua maneira de entender a história, tornando-se gradativamente um ouvinte mais aguçado e participativo, capaz

de moldar e remontar a história que ouve recontando-a e ressignificando-a (COELHO, 2009).

Assim sendo, o professor contador de histórias deve estar atento às idades dos seus interlocutores para que obtenha sucesso em suas metas. A fase mágica se estende até mais ou menos os sete anos de idade segundo Coelho (2009).

Segundo Coelho (2009, p. 21): “uma vez escolhida a história passamos a estudá-la”. Isto porque o contador de histórias deve saber a história que conta, e em uma pré-leitura entender a mensagem, implícita nela, e construir a maneira como irá contá-la.

Faz se necessário que o contador dê especial atenção ao momento em que inicia a história, visto que: “a introdução constitui o contato inicial entre o narrador e o ouvinte, devendo ser enunciada com voz clara, pausadamente, uniforme” (COELHO, 2009, p. 23).

É conveniente que ao elaborar a forma como contará a história, o contador crie meios de valorizá-la, como iniciá-la com uma boa introdução e terminá-la com uma boa música que de preferência trate o mesmo tema da história contada. Ao contar a história é interessante utilizar toda a teatralidade possível, principalmente por meio da voz e da linguagem gestual, tão importantes neste momento: “cantar no final, fazer gestos correspondentes, bater palmas para acompanhar eventuais trá...lá...lá..., ajudam a criança recompor-se emocionalmente, de modo alegre e prazeroso” (COELHO, 2009, p. 26).

De acordo com Coelho (2009), a história não deve ser transformada pelo contador, pois, dessa forma, corre-se o risco de apagar a sua essência. Por isso, o contador deve escolher para contar histórias que ele goste e não omitir nenhum trecho da história no momento em que contar.

“Estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou recurso mais adequado de apresentá-la” (COELHO, 2009, p.31). Sendo admissível, no momento do estudo desenvolver diferentes formas de contar uma mesma história, ganhando assim um repertório mais completo que será utilizado em diferentes momentos, divertindo assim tanto o locutor quanto o interlocutor da história.

O estudo da história a ser contada também permite ao professor inserir jogos e brincadeiras pertinentes ao tema da história contada. Permite também a organização de pequenos grupos com quatro ou cinco alunos que recriem o final da história e apresentem para seus colegas de classe. Possibilita que a escolha do local para

realizar este trabalho seja a biblioteca, previamente organizada para receber os alunos, proporcionando curiosidade e conforto aos ouvintes (FERREIRO; TEBEROSKI, 1998).

O diálogo após a história é de extrema importância, pois: “a conversa em torno da história é o momento ideal para atribuir as palavras um significado concreto, real, dirimir preconceitos, ideias falsas” (COELHO, 2009, p. 37). Sendo está uma forma de “interiorizar as formas culturalmente estabelecidas” (OLIVEIRA; VYGOTSKY, 1997, p. 38).

Segundo Oliveira e Vygotsky (1997) a cultura apresenta os meios iniciais para o desenvolvimento psicológico da pessoa. Dentro do contexto social em que a pessoa vive, ela opera de forma ativa, no momento em que interage, e de forma passiva, no momento em que ouve. Sendo o ser humano um ser pensante, a absorção da palavra e do conhecimento na realidade não se dá apenas de forma passiva, visto que se tratam de momentos em que ocorrem “atividades internas intrapsicológicas” (FONTANA; NAZARÉ, 1997, p. 38).

No cotidiano, todas as pessoas participam de vários acontecimentos dentro do contexto social em que vivem, sendo: “a vida um processo dinâmico, onde cada sujeito é ativo e onde acontece a interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo de cada um” (OLIVEIRA; VYGOTSKY, 1997, p. 38).

Ao ouvir histórias a criança tem ingresso ao mundo subjetivo por meio do imaginário, ao mesmo tempo em que interiormente sonha e abstrai a história. Da mesma forma, realiza ligações mentais com momentos que já viveu e regras que já aprendeu, levando em consideração que estamos pensando em crianças da pré-escola, e assim é realizado um desenvolvimento cognitivo intrapsicológico (COELHO, 2009).

Contar histórias é atuar no momento do desenvolvimento proximal (VYGOTSKY, 1992) de forma lúdica, a partir do instante em que ela é convidada para viajar na história enquanto está sendo contada, e após quando a criança é convidada a falar livremente sobre seus sentimentos com relação à história que ouviu e sobre sua interpretação da mesma. Assim: “um conhecimento anteriormente possuído dirige sua atenção e sua memória de forma deliberada, orientando sua percepção” (OLIVEIRA; VYGOTSKY, 1997, p. 40). Assim sendo, a criança memoriza a história fazendo ajuntamentos com o mundo real em que vive no momento em que conversa com seus colegas a respeito da história, ou mesmo com o professor.

Ao explicar sobre a teoria de Vygotsky, Oliveira (1997) lembra que a relação da pessoa com o mundo ocorre no interior da vida social, por meio dos instrumentos e símbolos. É dessa maneira que cada um realiza suas várias funções psicológicas. Por meio do aprendizado, cada pessoa adquire conhecimento e neste sentido a contação de histórias age como um dos: “mecanismos de aprendizado que movimentaram seus processos de desenvolvimento” (OLIVEIRA, 1997, p. 78).

A contação de histórias faz parte de um mundo de sonhos e de alegrias. Conforme Teixeira (2010, p. 66) “o adulto também pode, portanto, estimular a imaginação das crianças, despertando ideias, questionando-as para que busquem soluções para os problemas”. Os problemas levantados no momento da interação e diálogo a respeito da história contada, entre professor e alunos, incentiva o desenvolvimento do imaginário da criança por meio da fantasia.

Ao ouvir histórias a criança tem suas emoções acordadas. Daí a necessidade de possibilitar a criança – por meio da interação numa perspectiva histórico-cultural (VIEIRA, 2018) – poder pensar, duvidar, questionar e sugestionar sobre a história, visando a construção do pensamento crítico da criança, vivido por meio de tais experiências.

Contar histórias é uma forma de dividir experiências e aprender com as mesmas. Desta forma, segundo Teixeira (2010, p. 40) “podemos pensar que as atividades lúdicas cooperativas contribuem e oportunizam para as crianças momentos de expressão, criação e troca de informação”. A interpretação da história pela criança, por sua vez, permite extravasar seus sentimentos, sendo este um método eficaz tanto para a alfabetização quanto para a diversão.

Conforme Coelho (2009, p. 54) ao contar histórias é preciso métodos para “avivar-lhe a imaginação, facilitar a identificação e dar-lhe o prazer inefável que a história proporciona, no sentido de que não fique somente no divertir-se, chegue também no pensar, no assimilar”.

As histórias ensinam nas entrelinhas favorecendo o imaginário, a criatividade, sendo que para Teixeira: “a educação mais eficiente é, pois, justamente aquela que proporciona autoexpressão e participação social” (TEIXEIRA, 2010, p. 39). Ao comentar a história, a criança se promulga, participa agindo de forma ativa na construção do seu pensamento, provocando o autodesenvolvimento.

A história aproxima as crianças dos livros, porque estes são os lugares onde eles habitam. Assim, as crianças são cativadas pela leitura, desenvolvendo sua

capacidade de interpretação e agindo por meio da interação ao socializar seu entendimento por meio do diálogo. A partir da ludicidade, cada criança amadurece suas potencialidades críticas e persuasivas.

Contar ou ouvir histórias traz muitas consequências positivas na vida de qualquer ser humano, dentre elas o conhecimento que se prolonga no decorrer da vida. Afirma Garcez (2008) que a literatura é um dos recursos que mais encantam o processo de educação.

Tal encantamento acompanha os dados históricos sobre a contação de histórias. Segundo Gillig (1999), um dos primeiros autores a mostrar interesse pela literatura infantil foi Brauner, que considera o Pant-Chatantra como a primeira obra literária do século VII antes de Cristo (embora tenham surgido dúvidas sobre esse escrito, pois nessa época não havia imprensa).

A literatura infantil europeia teve início no século XVIII, quando no ano de 1697, Charles Perrault publicou “Os contos da mãe gansa”. Somente mais tarde, no decorrer do processo de urbanização que ocorreu no fim do século XIX e início do século XX, é que surge a literatura infantil no Brasil. Antes disso havia pouquíssimas obras destinadas ao público infantil (ZILBERMAN; LAJOLO, 1999).

Coelho (1987) relata que dentro do contexto, Perrault sente-se atraído por histórias relatadas, contos maravilhosos, que estavam guardados na memória do povo e ele tem desejo de redescobri-los.

Com isso, observa-se que o conto tem um destaque privilegiado na literatura e especialmente na literatura infantil, por tratar de alguns personagens como fadas, duendes, ogros e também acontecimentos sobrenaturais que pertencem ao gênero literário, no caso do conto popular. Essa afirmativa é confirmada por Coelho:

[...] permanece latente nas afirmativas populares legadas pelo passado remoto. Fábulas, apólogos, parábolas, contos exemplares, mitos, lendas, sagas. Contos de fadas [...] que fazem parte dessa heterogênea matéria narrativa que está na origem da literatura moderna e guarda um determinado sabor fundamental (COELHO, 1987, p. 11).

Encontra-se presente nas histórias, que são narradas nas escolas e nos contos de fadas, a sabedoria que é repassada pelos autores literários de geração para geração. Caracterizam os contos populares a facilidade com que se é assimilado em diferentes culturas (MATOS; SORSY, 2007).

A caracterização dos contos é entendida segundo Gillig da seguinte forma:

[...] sejam eles para crianças ou para adultos, quer se apareçam ao relato “verdadeiro”, quer sejam apenas ficção, é antes, de mais nada o fato de pertencerem à literatura do tipo narrativo, relatando fatos que têm um início, um desenvolvimento e um fim no tempo da narrativa, que é enunciado. Assim a fórmula “Era uma vez... marca em geral o início [...] mas todo conto pode também ser introduzido por uma (outra) formulação [...] (GILLIG, 1999, p. 23).

As histórias possuem em sua estrutura início, meio e fim e sempre devem ser iniciadas de forma cativante e motivadora, com um ar de suspense, para que desperte interesse nos ouvintes. Devido à universalidade dos temas abordados – como amor, desamor, traição, ciúme, astúcia, desencontro, encontro, perda, esperança – é que há facilidade na assimilação dos contos populares. E são esses sentimentos que existem na base do ser humano.

Os contos, as narrativas míticas, fábulas e lendas possuem algo em comum: são constituídos de narrativas escritas ou faladas em que os personagens possuem natureza humana e sobre-humana e ações reais e supra reais na fusão da narrativa (VIEIRA, 2018).

Observa-se que o conto faz parte da história há muitos anos e proporciona aprendizado, prazer e confronto com diversas situações da vida real. A prática da contação de histórias deve ocorrer desde os primeiros anos de vida escolar, isso cabe à instituição proporcionar para a criança. Para Abramovich (1997) é também um mundo de descobertas:

É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados [...] e assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a solução dela [...] (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Por meio do mundo das histórias é permitido à criança o confronto com a vida real. A partir das histórias cada criança encontra soluções para as situações vivenciadas no seu dia a dia. Na literatura, o conto tradicional oral não perde seu espaço, mas é objeto de renovação, sendo uma coletânea de versões ainda desconhecidas, tanto junto aos profissionais, que, na maioria, são oriundos do mundo de autores (VIEIRA, 2018).

No mesmo sentido, Costa (2009, p. 94) ressalta que “a história alimenta a emoção e a imaginação. Permite a autoidentificação, ajuda a criança a aceitar situações desagradáveis, a resolver conflitos etc.”

O Referencial Curricular da Educação Infantil ressalta que “ter acesso a boa leitura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer da leitura” (BRASIL, 1998, p. 143). Assim, obtém-se uma visão clara que de geração em geração, transmite-se histórias que encantam a todos, de uma maneira especial ao público infantil.

O professor, ao contar uma história, precisa saber da importância da história, bem como os processos de aprendizagem que ocorre com a criança durante as atividades e também observar a forma das narrativas. Sobre tal questão, destaca Coelho:

Um bom contador de histórias não pode proceder como se estivesse num palco, representando. Por isso, embora emocionalmente envolvido com a narrativa, sua postura vai influenciar muito: sempre no mesmo nível dos ouvintes, de preferência sentado. Um narrador não agita, não se movimenta para um lado e para o outro, senão as crianças não saberão a quem acompanhar, se a quem narra, se aos personagens da história (COELHO, 2009, p. 50).

E ainda Coelho (2009, p. 52) comenta que “contar histórias é uma prática tão gratificante, que chega a produzir no narrador uma catarse dos conflitos mais íntimos”.

Percebe-se o quanto o professor é responsável por fazer do momento da contação de histórias, um momento mágico, levando as crianças a fazer uma viagem durante as histórias.

Contudo, Oliveira (1994, p. 55) retrata que o profissional deve estar atento em preparar-se, pois: “o profissional preparado possui instrumental permanente para a solução dos imprevistos que a vida lhe impõe, garantindo, assim satisfação e segurança na realização do ser pessoal e profissional...”.

Vale ressaltar que uma criança aprende mais e melhor quando ela sente a motivação com a maneira que o professor transmite seus conteúdos durante as aulas. Cabe ao educador estar atento às necessidades dos alunos e planejar, procurando traçar estratégias de ensino.

Na Educação Infantil, o professor trabalha com a contação de histórias diariamente. A criança precisa ser estimulada adquirindo competências ao seu desenvolvimento. Um professor pode utilizar-se de vários recursos para o conto, de acordo com sua criatividade e necessidade. No entanto, entende-se que o papel do contador vai mais além:

Caberá apenas ao contador de histórias agir como um farmacêutico e injetar nas palavras uma dose de fantasia e outra de realidade, trazer à superfície das palavras a face do mundo (a cognição) e fazer aflorar a face do espelho (o autoconhecimento). Para tanto ele deverá considerar o estágio emocional e intelectual de seus ouvintes a fim de facilitar-lhes a decodificação da narrativa (RODRIGUES, 2010, p. 38).

Garcez (2008) ressalta que para ser um bom contador de histórias são necessárias algumas observações como a escolha da história, preparar as crianças com uma motivação, mostrar a capa do livro, fazer sons de onomatopeias imitando os personagens ou os acontecimentos, criar suspense na voz, dentre outros. Essas são dicas para acrescentar ao repertório de opções para o professor desenvolver suas atividades.

Na escola não se pode improvisar na hora do conto, exige-se conhecimento e preparação, pois o pedagogo-contador mantém viva na criança a prática do conto. Deve-se considerar que, frequentemente, os contadores estão sendo substituídos pela televisão e outras tecnologias da comunicação. Assim, comenta Gillig (1999, p.84): “é preciso, portanto, preparar-se para contar, da mesma maneira que se preparam para as outras atividades da classe”.

Mais uma vez fica esclarecida a responsabilidade do professor durante as atividades de contação de histórias.

Por fim, pode-se afirmar que é importante, no processo de contação de histórias, desempenhar o papel de formar cidadãos críticos e com capacidade de operar mudanças na realidade em que vivem.

3. PERCURSO METODOLÓGICO: A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A partir do objetivo geral de analisar a arte de contar histórias e sua contribuição para a formação de leitores na Educação Infantil, adotou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica. De acordo com Marconi e Lakatos (2002), pode-se dividir os procedimentos de coleta de dados em pesquisas científicas em: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e pesquisa de laboratório.

A pesquisa bibliográfica é vista sob duas perspectivas: como parte obrigatória em qualquer trabalho científico *ou* uma estratégia independente e central na pesquisa. Há uma distinção entre pesquisa bibliográfica e pesquisa documental: a primeira uma análise de documentos de segunda mão ou fontes secundárias (materiais já analisados ou publicados); e a segunda utiliza documentos de primeira mão ou fontes primárias, tais como informações inéditas (MARCONI e LAKATOS, 2002).

Utilizou-se a pesquisa bibliográfica como procedimento principal de coleta de dados em fontes secundárias. Conforme esclarecem Marconi e Lakatos (2002, p. 71): “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Seja por sua característica de possibilitar uma análise crítica do tema estudado na pesquisa, seja por pressupor uma perspectiva criativa na avaliação do conjunto de publicações científicas sobre a contação de história e a Educação Infantil, a pesquisa bibliográfica propõe um percurso metodológico capaz de alcançar os objetivos do presente estudo.

De acordo com os procedimentos científicos sugeridos por autores como Marconi e Lakatos (2002), o percurso metodológico da presente pesquisa abrangeu as seguintes etapas: definição das palavras-chave; identificação do período de abrangência; especificação dos materiais; mapeamento das fontes de pesquisa; realização da busca, coleta e arquivamento dos materiais; procedimentos técnicos de leitura e fichamento dos materiais lidos; análise dos resultados.

Os sítios de busca de materiais acadêmicos organizam seus dados a partir de palavras-chave, utilizadas pelos autores dos materiais científicos para caracterizarem suas produções. Dessa forma, é fundamental atentar para a escolha criteriosa dos descritores adequados aos objetivos da pesquisa. Utilizou-se como descritores as expressões “contar histórias” + “educação infantil”, palavras-chave que caracterizam

a presente pesquisa e possibilitaram conhecer as publicações científicas sobre o tema.

A grande proliferação de materiais científicos em ambientes virtuais, tornou fundamental a prática metodológica de definir o período de abrangência da pesquisa. Tal procedimento tem o objetivo de resguardar a atualidade da pesquisa e otimizar a busca de materiais com a abordagem contemporânea da questão estudada. Assim, definiu-se como período de abrangência da pesquisa bibliográfica os materiais publicados nos últimos dez anos (2011-2021).

Há uma preocupação crescente com a qualidade dos materiais científicos disseminados no ambiente da *internet*, de forma a evitar textos de procedência duvidosa e focar em publicações acadêmicas consistentes e confiáveis. Dessa maneira, definiu-se como materiais a serem pesquisados: artigos científicos publicados em periódicos acadêmicos; dissertações de mestrado e teses de doutoramento defendidas em reconhecidas instituições de ensino. A partir da definição da qualidade dos materiais a serem pesquisados, escolhemos como fontes de consulta da pesquisa bibliográfica a Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

A Scielo foi criada a partir de um projeto da FAPESP (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo), com a colaboração da BIREME (Centro Latino-americano de Informação em Ciências da Saúde). Desde 2002, recebe o aval e apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). O objetivo da biblioteca eletrônica científica on-line é organizar os periódicos e os artigos científicos em um único acervo eletrônico, de livre acesso. Além das produções científicas brasileiras, a rede é composta por outros países latino-americanos, como África do Sul e Portugal. Tais características tornam o portal uma referência importante para conhecer os artigos científicos publicados sobre a contação de histórias e a educação infantil (EVOLUÇÃO DO ACESSO ABERTO, 2013).

Por sua vez, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foi criada no ano de 2002, a partir de uma iniciativa do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Ministério da Educação (MEC) – com participação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Reuniu-se, em um único acervo, as principais dissertações de mestrado e teses de doutoramento defendidas no Brasil (HISTÓRICO BDTD, 2021).

Em seu conjunto, as fontes de pesquisa da Scielo e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações oferecem amostra representativa das produções acadêmicas brasileiras, de forma a cumprir as prerrogativas de nosso objetivo de pesquisa.

A pesquisa bibliográfica foi realizada nos acervos mencionados e com as palavras-chave definidas, a partir dos critérios estabelecidos quanto à qualidade dos materiais e o período de abrangência da pesquisa. Houve uma preocupação especial com o arquivamento dos textos, organizados em pastas específicas nomeadas com as principais fontes de pesquisa. Os materiais foram nomeados a partir de sua autoria e numerados, com o intuito de otimizar o processo de organização da leitura.

De acordo com as recomendações de Antonio Carlos Gil (1996) a leitura dos materiais coletados foi otimizada a partir da adoção de critérios bem definidos. Inicialmente, conforme Gil (1996), fez-se uma “leitura exploratória”, com o objetivo de certificar a pertinência do material aos objetivos da pesquisa. Tratou-se de uma leitura rápida do resumo ou da introdução dos materiais, como um primeiro contato com o conjunto de textos coletados.

Em seguida, realizou-se uma “leitura seletiva”, com o objetivo de selecionar os textos prioritários para a pesquisa. Esta segunda leitura teve o intuito de classificar as obras de acordo com a prioridade de leitura, a partir das seguintes categorias: leitura prioritária; leitura importante; leitura facultativa. Tais categorias foram criadas a partir da reincidência dos temas apresentados nos materiais consultados.

Por fim, a começar pelos materiais prioritários, fez-se uma “leitura analítica” (GIL, 1996), caracterizada pelo aprofundamento da compreensão dos textos previamente selecionados. Esta leitura aprofundada foi seguida do devido “fichamento” dos materiais (MARCONI e LAKATOS, 2002). O fichamento é um processo no qual o pesquisador sistematiza seus apontamentos, comentários e trechos mais emblemáticos de cada pesquisa consultada. Conforme destaca Antonio Carlos Gil (1996), houve uma atenção especial na identificação das obras, sua devida referência de acordo com as normatizações científicas, e a síntese das concepções sobre contação de histórias na Educação Infantil.

Tendo detalhado devidamente o percurso metodológico da pesquisa, a seguir se apresentará os resultados obtidos, bem como a análise das publicações científicas brasileiras sobre a contação de histórias na educação infantil nos últimos dez anos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa bibliográfica realizada selecionou o total de 11 publicações sobre a contação de histórias na Educação Infantil. No portal Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) haviam 03 artigos científicos sobre o tema, nos últimos dez anos; já na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foram consultados 11 materiais com os descritores utilizados. Porém, 03 desses últimos materiais foram excluídos da amostra por abordarem temas relacionados à literatura infantil na educação básica, sem a utilização, contudo, da atividade pedagógica de contar histórias.

Uma caracterização mais geral da amostra consultada demonstra a interdisciplinariedade inerente ao estudo da arte de contar histórias na Educação Infantil, assim como a sua distribuição geográfica em diversos estados brasileiros.

Com relação à interdisciplinariedade, há três áreas do conhecimento que desenvolvem pesquisas sobre a arte de contar histórias na Educação Infantil: a Educação (6 publicações), Letras (3 materiais) e Artes (2 pesquisas). Um exemplo emblemático dessa interdisciplinariedade é oferecido pela publicação de Marcelo Porto e Marina Fasanello (2012), intitulada “A arte de contar histórias, integrada a outras linguagens de arte: uma prática pedagógica na educação básica”. Na interface entre a Educação, o cinema e a arte-educação, os autores abordam a contação de histórias como atividade pedagógica na Educação Infantil, discutida no âmbito do Curso de Extensão Cinema para aprender e desaprender (CINEAD) – pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Assim, envolvendo a atividade artística e performática, atrelada à literatura e à Educação Infantil, a arte de contar histórias permite um profícuo diálogo entre essas áreas do conhecimento.

Outro elemento que chama atenção na análise da amostra estudada é a variedade de regiões brasileiras dedicadas ao estudo da contação de histórias. Predomina o estado de São Paulo, com 4 publicações (metade delas localizadas no interior do estado), ao lado de pesquisas realizadas em diversos outros estados, quais sejam: Minas Gerais (2), Rio de Janeiro (1), Brasília (1), Ceará (1), Goiás (1) e Mato Grosso do Sul (1). Essa diversidade regional é importante não apenas por demonstrar como as pesquisas estão disseminadas por grande parte do território nacional, mas também por considerar que frequentemente a arte de contar histórias se faz valer de um diálogo com as tradições culturais do folclore local.

Antes de analisarmos o objetivo da presente pesquisa, relacionado à arte de contar histórias como formação de novos leitores na Educação Infantil, convém apresentar sumariamente cada uma das publicações. Tal apresentação contribui para verificar a grande diversidade de abordagens e objetos de estudo que gravitam em torno da arte de contar histórias na Educação Infantil.

4.1. Síntese das publicações sobre contação de histórias e educação infantil

Considerando o recorte temporal, que abrange as publicações dos últimos dez anos, adotamos o ano de publicação como critério de apresentação da síntese dos materiais.

Em parceria com Marcelo Firpo de Souza Porto, a arte-educadora Marina Tarnowski Fasanello publica um artigo sobre a arte de contar histórias na educação básica, ressaltando sua interface com outras linguagens de arte (FASANELLO; PORTO, 2012). Especializada em pedagogia Waldorf, Marina Fasanello desenvolveu seu mestrado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre a literatura oral e a pedagogia da criação. O artigo articula sua fundamentação teórica na arte-educação, enfatizando a arte de contar histórias como proposta pedagógica para o desenvolvimento criativo de estudantes da educação básica. Trata-se do relato de uma experiência no interior da “Oficina Escola de Arte Granada”, uma atividade complementar realizada com alunos e professores de escolas públicas do município de Nova Friburgo, Rio de Janeiro.

Embora a proposta dos autores enfatize as interfaces entre contação de histórias e a criatividade artística, a formação de novos leitores surge como um tema adjacente. Observa-se que a arte de contar histórias aprimora a “capacidade de leitura, de análise e compreensão do texto de forma simultaneamente sensível e crítica (FASANELLO; PORTO, 2012, p. 126). Em outro trecho, os autores especificam as relações entre criatividade e leitura, no interior do próprio objetivo da oficina proposta: “O objetivo principal era aprimorar a capacidade criadora, utilizando os talentos da criança e melhorando, conseqüentemente, sua leitura, seu raciocínio, sua capacidade de pesquisa, de comunicação e de compreensão (FASANELLO; PORTO, 2012, p. 128).

Em suma, a arte de contar histórias é salientada como importante didática na educação básica, capaz de formar leitores, aprimorar a capacidade de leitura e exercitar a criatividade dos educandos e professores.

Em sua dissertação de mestrado em Letras, pela Universidade Federal de Viçosa, Maria Silva (2012) pesquisou a utilização prática da arte de contar histórias. No âmbito da Educação Infantil, estudou-se a atividade pedagógica na qual a professora contava uma história e os educandos a recontavam. O objetivo da atividade lúdica era proporcionar o “incentivo à leitura”, além de desenvolver nos educandos habilidades nomeadas como “socialização” e “comunicação” (SILVA, 2012, p. 96). Assim, embora não utilize a expressão “formação de leitores”, a pesquisadora aborda a atividade de contar e recontar histórias em sua interface com a leitura, verificando a importância da literatura infantil em despertar o interesse dos alunos pelo hábito de ler.

O interior da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Marília Souza (2012) analisou o “Projeto Identidade: Minha história conto eu”, desenvolvido em turmas de educação infantil, na rede pública municipal de Aracaju (SE), no ano de 2010. Tal proposta tinha como objetivo o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, a partir da contação de lendas do folclore brasileiro (como aquelas do Saci e do Curupira). O foco da pesquisadora, contudo, estava na implementação de um “currículo multicultural crítico”, pautado na democracia e na diversidade cultural (SOUZA, 2012, p. 65). Pesquisou-se, principalmente, o que a autora denomina como “cultura corporal”, indevidamente restrita à Educação Física e suas convencionais atividades de “jogos, esportes, ginástica e dança” (SOUZA, 2012, p. 21).

Marília Souza (2012) observa que essa “cultura corporal” predominante na educação básica possui uma representação machista, sexista e racista, com grandes “tendências segregacionistas, reforçando o preconceito e a injustiça social” (SOUZA, 2012, p. 66). Assim, a contação de história é vista sob o ângulo do multiculturalismo, no sentido de ampliar as referências culturais sobre o corpo e a subjetividade. Dessa forma, embora reconheça a importância da arte de contar histórias no desenvolvimento da leitura e da escrita, a pesquisadora desenvolve suas reflexões sobre as práticas corporais na Educação Infantil, com especial acento na criação de um currículo que aborde a cultura corporal para além da Educação Física.

Professora da área de Letras na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Célia Fernandes (2013) desenvolve uma pesquisa sobre as representações de personagens idosas na literatura infantil do século XXI, frequentemente relacionadas à contação de histórias. Tendo como foco a sabedoria dos idosos, a autora valoriza a contação de histórias em ambiente familiar e na possibilidade de

gerar relações fraternas e igualitárias entre avós e netos, naquilo que nomeia como coeducação de gerações. Em diversas passagens, Célia Fernandes (2013) destaca a importância da arte de contar histórias na formação de novos leitores, fascinados com a literatura infantil contada pelos avós.

Tendo como foco a literatura infantil na educação básica, Fernanda Massagardi (2014) desenvolveu seu doutoramento sobre a importância da contação de histórias nas escolas. Ao analisar obras como os clássicos de Monteiro Lobato e C. S. Lewis, a pesquisadora almejou contribuir com a formação de professores para a contação de histórias. Nesse sentido, a literatura infantil surge como atividade fundamental para o desenvolvimento afetivo e cognitivo dos educandos, pois auxilia na reinterpretação, recriação e comunicação da realidade – além de desenvolver a sensibilidade. Não estando restrita ao “desenvolvimento intelectual”, a contação de histórias propõe uma experiência estética. Neste contexto, a contação de histórias surge como vivência fundamental naquilo que a autora denomina como “educação literária”, capaz de contribuir para a formação de um “cidadão sensível e perspicaz” (MASSAGARDI, 2014, p. 61). Deve-se observar que Fernanda Massagardi desenvolve diversas reflexões sobre a formação de professores para aprimorar a contação de histórias no sentido de formar novos leitores. Em suas palavras:

A escola deve primar pela formação de leitores no sentido de auxiliar o desenvolvimento cognitivo das crianças, que devem estar aptas a interpretar o que leem, emitindo juízos de valor, construindo noção de mundo e senso crítico, além de aprenderem a importância da fruição e do prazer que são parte do processo de leitura (MASSAGARDI, 2014, p.102-3).

Dessa forma, Massagardi inclui a contação de histórias no interior de “projetos de incentivo à leitura” que possuem como foco promordial da formação de novos leitores (MASSAGARDI, 2014, p. 59).

Débora Vieira (2015) pesquisa os processos imaginativos pertinentes as narrativas de histórias em crianças na Educação Infantil, a partir de um estudo com crianças de uma escola do ensino público do Distrito Federal. A partir de uma perspectiva histórico-cultural, baseada em autores como Lev Vigotski, a autora compreende a importância da contação de histórias no âmbito da formação da subjetividade e na pertença a uma comunidade cultural (VIEIRA, 2015, p. 15). Igualmente, as práticas de letramento e a formação de novos leitores são abordadas de maneira secundária, pois o foco da pesquisa recai sobre o desenvolvimento da

imaginação das crianças. Os processos imaginativos desencadeados no interior da contação de histórias são enfatizados, tendo em vista sua complexidade que abrange o desenvolvimento cognitivo, afetivo e interacional das crianças.

Tendo como objeto de estudo a contação de história e os processos de letramento, Aline Ferreira desenvolveu sua dissertação de mestrado na área de Letras da Universidade Federal de Campina Grande. Para tanto, realizou o estudo de caso da prática de contação de histórias na educação básica de uma escola pública da cidade de Crato (Ceará). A pesquisadora detalha com bastante argúcia a importância da contação de histórias no processo de letramento, que abrange o desenvolvimento da linguagem escrita e oral de crianças, nos anos iniciais da educação básica. Dentre os aspectos ressaltados em sua pesquisa está a formação de novos leitores, pois destaca o quanto a contação de histórias é processo fundamental no desenvolvimento da leitura e da escrita:

Assim, a *contação de histórias* já é em si uma importante ferramenta para formação de leitores, e provavelmente o hábito da leitura é uma das coisas que também ajuda na formação de escritores. Sendo assim, uma boa narração pode ampliar o universo dos alunos e sua participação no mundo letrado, e aliada a atividades elaboradas que visam o desenvolvimento linguístico das crianças através de práticas sociais de uso da linguagem poderá contribuir para a formação de falantes fluentes, leitores habituais e escritores competentes (FERREIRA, 2015, p. 92).

Além de sua centralidade na formação de novos leitores, Aline Ferreira (2015) salienta o papel transformador da arte de contar histórias na formação do ser humano e no exercício de sua cidadania.

Sob a perspectiva da formação de professores para a arte de contar histórias, Pablo Barbosa (2017) desenvolveu sua dissertação de mestrado, na área da Educação, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. O autor entende a contação de histórias como atividade pedagógica fundamental na mediação dos processos de ensino-aprendizagem, em estudantes da Educação Infantil e Ensino Fundamental. No que se refere à formação de leitores a partir da contação de histórias, Barbosa ressalta que o “incentivo à leitura” é o argumento mais utilizado pelos professores para ratificar a importância dessa atividade (BARBOSA, 2017, p. 110). A arte de contar histórias envolve a leitura em um ambiente lúdico e recreativo, no qual o desenvolvimento da leitura imerge em meio a sentimentos e emoções marcantes. Assim, o “prazer pela leitura” ou “gosto pela leitura” surgem como

características inerentes à contação de histórias. Nas palavras de uma professora entrevistada pelo pesquisador:

Levar o público a um momento de prazer e divertimento através da leitura, e encará-la como atividade de descanso e não como obrigatória, velando o caráter do bel prazer literário, fomentando assim, o gosto pela cultura das letras e dos livros. Bem como trabalhar conteúdos didáticos acerca da história que foi contada (BARBOSA, 2017, p. 110).

O prazer em ler e ouvir histórias também é observado em outros trechos da pesquisa, corroborando a ideia de que “grande parte dos professores que utiliza a contação de histórias acredita que ela é uma grande incentivadora na formação de leitores” (BARBOSA, 2017, p. 69). Por fim, Pablo Barbosa (2017, p. 70) sintetiza da seguinte maneira as contribuições da contação de histórias nos processos de aprendizagem na educação básica: “A utilização da contação de histórias em sala de aula pode desenvolver o raciocínio, caráter, imaginação, criatividade, senso crítico, ética, dentre vários outros aspectos” (BARBOSA, 2017, p. 70).

Em pesquisa na área da Dança e suas interfaces com a educação infantil, Ana Vitória Bella (2017) vivencia a arte de contar histórias como possibilidade de desenvolvimento corporal e criativo da leitura. Dessa forma, seu foco está nas relações entre a dança e a palavra oral, elencando em sua dissertação diversas propostas de atividades para a Educação Infantil. Embora mencione a importância da arte de contar histórias para o desenvolvimento da leitura, a pesquisadora se detém a seu objetivo primordial e salienta os aspectos criativos, corporais e gestuais presentes na contação de histórias.

No âmbito do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, da Universidade Federal de Goiás, Valquíria Silva (2019) pesquisou a prática de contar histórias junto a professores da Secretaria Municipal de Educação e Esporte (SME) de Goiânia. O interesse maior da dissertação estava nas características performáticas da contação de história, que abrange a expressividade corporal de gestos e vozes. Dessa forma, adotou-se como foco a “sensibilização corpórea” dos professores, no ambiente da formação continuada de docentes. Embora tenha adotado como foco a expressividade corporal, Valquíria Silva (2019) observou como muitos professores desenvolvem a atividade de contação de histórias tendo como objetivo a formação de novos leitores a partir do encantamento com a literatura infantil:

Percebi que o contar histórias para muitas professoras performers remete a encantar os educandos para as histórias contadas e despertar este encantamento para a leitura. Estas respostas revelam que, por vezes, o contar histórias é relacionado ao ensinar e ao aprender. Penso que a contação de histórias se faz presente nas instituições educacionais destas professoras porque acreditam que essa arte incentiva o gosto pela leitura, aguça a imaginação, a criatividade, a ludicidade, o senso crítico e estético do educando e assim contribui para a sua formação integral (SILVA, 2019, p. 37-8).

Debora Deliberato, Fernanda Adurens e Aila Rocha (2021), da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, desenvolvem uma pesquisa sobre a narração de histórias e a educação especial. Na análise do processo de aprendizagem de duas crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista, as autoras, importantes referências nacionais na Educação Especial, analisam os benefícios da contação de histórias. Embora não analisem especificamente a formação de leitores, a publicação esclarece a importância da narração de histórias nas “habilidades de expressão”, verbal e não verbal, com grandes ganhos na capacidade comunicativa.

4.2. Diversidade de Perspectivas sobre a arte de contar histórias

A análise do conjunto de publicações sobre a arte de contar histórias na Educação Infantil permite compreendê-la como atividade pedagógica complexa, na qual se reúne um prisma com diversas perspectivas. Tais acepções da contação de histórias certamente fazem jus à interdisciplinaridade típica do tema e abrem possibilidades para ampliar sua importância no âmbito da formação de leitores.

De forma sintética, pode-se dividir as abordagens sobre a arte de contar histórias na Educação Infantil a partir das ênfases dos pesquisadores: cultura corporal; imaginação e criatividade; expressão e comunicação; formação de professores; e incentivo à leitura.

Na fundamentação teórica da presente pesquisa salientamos o elemento lúdico presente na contação de histórias. A expressão do contador, seus gestos e posturas corporais são aspectos fundamentais na arte de contar histórias (COELHO, 2009). A ênfase de muitas pesquisas sobre a contação de histórias recai sobre a questão corporal. Nesse sentido, Marília Souza (2012) é quem mais ressalta a necessidade de se repensar a “cultura corporal” presente na Educação Infantil, que possui um rígido acento disciplinador e sexista. Os gestos corporais desencadeados na arte de contar histórias seriam capazes de proporcionar a experimentação de várias possibilidades corporais pautadas na diversidade cultural.

Essa mesma assertiva pode ser encontrada na pesquisa de Ana Vitória Bella (2017), quando pondera que o ato de contar e recontar histórias exige uma relação criativa entre a palavra e o gesto, naquilo que considera o desenvolvimento corporal e criativo da leitura. Por fim, Valquíria Silva (2019) desenvolve seus estudos no sentido de promover a “sensibilização corpórea” dos professores para a arte de contar histórias, considerando a cultura corporal de fundamental importância nessa atividade pedagógica.

As autoras acima mencionadas abordam a arte de contar histórias de sua perspectiva corporal e mesmo performática, acreditando haver a possibilidade de novas práticas corporais, plurais e diversas, a partir do desenvolvimento dessa atividade pedagógica.

Muitos outros pesquisadores irão enfatizar o desenvolvimento da imaginação e da criatividade como elementos presentes na arte de contar histórias na Educação Infantil. É emblemático, nesse sentido, o estudo de Débora Vieira (2015) sobre os processos imaginativos inerentes à arte de contar histórias, que permite o desenvolvimento da sensibilidade e aguçam a imaginação nas crianças. Já a criatividade é tônica da “Oficina Escola de Arte Granada”, presente na publicação de Marcelo Porto e Marina Fasanello (2012), quando atrelam a contação de histórias a uma leitura criativa da realidade.

Imaginação e criatividade não são aspectos específicos dos autores dantes mencionados, pois perpassam grande parte dos estudos sobre a arte de contar histórias. É Sirlândia Teixeira (2010, p.40), citado anteriormente na fundamentação teórica desta pesquisa, quem sintetiza os benefícios da contação de histórias em ambiente escolar relacionados ao imaginário criativo dos educandos. A mesma autora destaca que a arte de contar histórias pode ser incluída entre “as atividades lúdicas cooperativas contribuem e oportunizam para as crianças momentos de expressão, criação e troca de informação” (TEIXEIRA, 2010, p. 40).

Este é o acento de muitas pesquisas sobre a arte de contar histórias: sua importância na expressão, comunicação e interação entre as crianças e delas com os adultos. A publicação de Célia Fernandes (2013) ressalta exatamente as relações intergeracionais entre avós e netos, mediadas pela arte de contar histórias. A autora permite compreender como essa interação é fundamental para se repensar a visão sobre os idosos em nossa sociedade, assim como o papel da literatura infantil na renovação de legados dos antepassados. Parte-se do pressuposto que, ao contar

histórias, as pessoas desenvolvem uma forma de interação lúdica, responsável pela qualidade das relações humanas e o desenvolvimento das habilidades interacionais. Contudo, muitos estudos irão ressaltar a importância da contação de histórias no desenvolvimento de formas de expressão e comunicação. Nesse ínterim, é emblemática a publicação de Debora Deliberato, Fernanda Adurens e Aila Rocha (2021) sobre a arte de contar histórias no trabalho pedagógico com crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista. As autoras observaram muitos ganhos relacionados à capacidade comunicativa dos educandos, em especial no aprimoramento de sua “habilidade de expressão”, verbal e não verbal.

Oliveira (1994), referência utilizada na presente pesquisa, salienta a importância da formação do profissional para a arte de contar histórias, bem como a necessidade de preparar adequadamente a história a ser contada. O item da formação continuada de docentes para a arte de contar histórias também é um tema recorrente na amostra de publicações consultadas. A formação de professores foi o foco de Pablo Barbosa e de Ana Vitória Bella (2017). Barbosa (2017) enfatiza a importância de os professores compreenderem a arte de contar histórias em sua complexidade, que não pode ser reduzida à mera atividade recreativa. Já Ana Vitória Bella (2017) aposta na “sensibilização corpórea” dos professores, entendendo o corpo como importante palco para aquele que conta uma história.

Por fim, independentemente de sua perspectiva específica, todos os autores consultados mencionam a importância da contação de histórias para as atividades da leitura. Como tema central da presente pesquisa, tal aspecto será abordado com maiores detalhes a seguir.

4.3. Arte de contar histórias e a formação de leitores

Embora possa ser vista sob perspectivas diversas, a arte de contar histórias na Educação Infantil está presente, primordialmente, como forma de introdução ao universo da leitura e da literatura infantil. Como bem notou Pablo Barbosa (2017, p. 69): “grande parte dos professores que utiliza a contação de histórias acredita que ela é uma grande incentivadora na formação de leitores”.

Vimos anteriormente como a arte de contar histórias abrange também outras diversas dimensões (como a criatividade, a cultura corporal, a expressão e a comunicação), mas o destaque da literatura científica recai sobre a formação de novos leitores. Entretanto, a própria leitura pode ser compreendida por diversos ângulos.

A arte de contar histórias propõe uma experiência lúdica, recreativa e prazerosa aos educandos. Nesse ambiente de encantamento, a experiência da leitura ganha novos sentidos, pois se irmana às brincadeiras associadas pelas crianças ao momento de diversão. Essa perspectiva lúdica da arte de contar histórias perpassa muitas de suas associações com a formação de leitores. Dessa forma, Maria Silva (2012), por exemplo, destaca que a contação de histórias é responsável por despertar o interesse da criança pela literatura infantil, em um ambiente divertido que proporciona grande “incentivo à leitura” (SILVA, 2012, p. 96).

Neste contexto, a expressão “prazer” é frequentemente utilizada para qualificar a experiência de leitura proporcionada pela arte de contar histórias. Trata-se do “gosto pela leitura”, sintetizado dessa maneira por Pablo Barbosa (2017, p. 110): “Levar o público a um momento de prazer e divertimento através da leitura, e encará-la como atividade de descanso e não como obrigatória, velando o caráter do bel prazer literário, fomentando assim, o gosto pela cultura das letras e dos livros”.

A formação de leitores a partir do prazer gerado pela literatura não deve ser vista como uma atividade de menor importância. Acredita-se que esse prazer é indispensável para o hábito da leitura e vem acompanhado de diversos outros elementos do desenvolvimento humano.

Notamos o quanto a arte de contar histórias aprofunda a inserção cultural da criança em todo seu contexto social (OLIVEIRA; VYGOTSKY, 1997). A proximidade com as tradições orais e as lendas do folclore popular, presentes na contação de histórias, permite ao leitor/ouvinte compreender os valores e normas sociais pertinentes ao seu grupo de pertencimento – bem como à diversidade multicultural. É nesse sentido que Débora Vieira (2015) desenvolve uma perspectiva histórico-cultural na compreensão da arte de contar histórias como elemento fundamental na “formação da subjetividade e não pertença a uma comunidade cultural” (VIEIRA, 2015, p. 15).

O prazer e a pertença estão vinculados a um aspecto afetivo e sentimental muito destacado na amostra de publicações analisadas. Fernanda Massagardi (2014), por exemplo, observa que o “desenvolvimento intelectual” gerado pela leitura tem ressaltados seus elementos sensíveis quando inseridos na arte de contar histórias. Em outras palavras, a “educação literária”, que ocorre na formação de novos leitores a partir da contação de histórias, é orientada por uma “sensibilidade” e respeito à diversidade, capaz de contribuir para a formação de um “cidadão sensível e perspicaz” (MASSAGARDI, 2014, p. 61).

Essa sensibilidade não pode ser vista como parte indissociada do senso crítico. A própria Fernanda Massagardi observa os incentivos às crianças na construção de uma “noção de mundo e senso crítico, além de aprenderem a importância da fruição e do prazer que são parte do processo de leitura (MASSAGARDI, 2014, p.102-3). Muitos outros autores mencionam a proposta em uma leitura crítica da realidade a partir da arte de contar histórias. Em uma boa síntese, Marcelo Porto e Marina Fasanello (2012, p. 126) ressaltam a “capacidade de leitura, de análise e compreensão de texto de forma simultaneamente sensível e crítica”.

Para Marília Souza (2012), o senso crítico despertado pela arte de contar histórias advém da grande diversidade cultural que pode estar presente com a utilização de contos provenientes de diversas regiões do mundo. Trata-se do que a autora denomina como um viés “multicultural crítico”, fundamentado na democracia e na diversidade cultural (SOUZA, 2012, p. 65).

Em suma, a ideia de formação de leitores a partir da arte de contar histórias é um consenso entre os pesquisadores do tema. Seja por incentivar o prazer da literatura, seja por inserir a criança nos elementos culturais de seu contexto social, a arte de contar histórias contribui no desenvolvimento de uma cidadania crítica e sensível, com grande respeito à democracia e à diversidade cultural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância da leitura na formação do cidadão, a presente pesquisa adotou como objetivo a análise da arte de contar histórias na educação infantil como processo de formação de novos leitores. Para tanto, utilizou-se a metodologia da pesquisa bibliográfica, consultando as principais publicações sobre o tema nos últimos dez anos, em dois consagrados acervos eletrônicos: a Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Os 11 materiais selecionados para compor a amostra analisada demonstraram a interdisciplinaridade inerente ao estudo do tema, que abrange contribuições da Educação, Letras e Artes. Embora utilizem inúmeras formas de abordar a arte de contar histórias na Educação Infantil, há uma concentração das publicações nos seguintes temas: cultura corporal, relacionada as práticas gestuais incentivadas na contação de história; imaginação e criatividade; expressão e comunicação; formação de professores; e incentivo à leitura.

Esse último ponto, que constitui o objetivo da presente pesquisa, foi analisado com maiores detalhes. Embora haja um consenso entre os pesquisadores sobre a importância da contação de histórias na formação de novos leitores, tal temática é analisada de diferentes perspectivas. Muitos autores associam a arte de contar histórias ao “prazer da leitura”, considerando que o ambiente lúdico e divertido da contação facilita uma relação entusiasmada com a leitura. Outros autores salientam a importância da diversidade cultural, uma vez que muitas histórias contadas são oriundas de diferentes culturas. Assim, em um mundo globalizado, a arte de contar histórias seria uma forma de exercitar o respeito à diversidade cultural. Há autores que enfatizam a “sensibilidade” gerada pela literatura infantil, além do grande incentivo à criatividade dos alunos. Por fim, tal sensibilidade sempre vem atrelada ao senso crítico, na análise coletiva das histórias contadas.

Conclui-se que a arte de contar histórias na Educação Infantil é uma atividade pedagógica fundamental na formação de novos leitores e cidadãos críticos, criativos e sensíveis.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BARBOSA, P. H. S. **A arte de contar histórias como metodologia e a formação do professor contador de histórias**: perspectivas e desafios para o processo ensino aprendizagem. 156 fl. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2017.

BELLA, A. V. M. **Corpos que contam histórias que dançam**: imagens e concepções de educação do corpo da criança. 170 fl. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2017.

BRASIL, M.E.S.E.F. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 3.

COELHO, MB. **Contar histórias**: uma arte sem idade. 10. ed. São Paulo: Ática, 2009.

COELHO, N.N. **O conto de fadas**: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 1987.

COSTA E. E A. As histórias de um contador. In. ROSSETI-FERREIRA. M. C.et AL. (orgs.) **Os fazeres na educação infantil**.11 ed. Sao Paulo: Cortez, 2009, p. 93-94.

DELIBERATO, D.; ADURENS, F. D. L.; ROCHA, A. N. D. C. Brincar e Contar Histórias com Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Mediação do Adulto. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v. 27, n. 128, p.73-88, jan.dez., 2021.

Evolução do acesso aberto – breve histórico. 2013. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2013/10/21/evolucao-do-acesso-aberto-breve-historico/#.YdmT-WjMLIU>. Acesso em: 15 out. 2021.

FASANELLO, M. T.; PORTO, M. F. S. A arte de contar histórias, integrada a outras linguagens de arte: uma prática pedagógica na educação básica. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3, p. 123-131, set./dez. 2012.

FERNANDES, C. R. D. F. Avós e Netos na Literatura Infantil: vidas compartilhadas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1089-1112, out./dez. 2013.

FERREIRA, A. H. V. **Contando histórias**: uma ponte para o letramento. 107 fl. Dissertação – (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, Emília et al. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FONTANA, R; NAZARÉ, M.C. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997. (série: educador em construção).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 5 ed. São Paulo: Associados, Cortez. 1984.

GARCEZ, L.H.C. **Ler = muito prazer, orientações para o trabalho com a formação de leitores e com a literatura infanto-juvenil**. Brasília- DF: Editora Conhecimento, 2008.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GILLIG, J-M. **O conto na psicopedagogia**. Porto alegre: Artes Médicas, 1999.

Histórico BDTD. Disponível em: <https://bdtb.ibict.br/vufind/Content/history>. Acesso em 15 out. 2021.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MASSAGARDI, Fernanda Maria Macahiba. **Percursos da literatura na educação: ensinar contando histórias**. 582 fl. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2014.

MATOS. G.A.; SORSY. I. **O ofício do contador de histórias**. São Paulo: moderna, 2007.

OLIVEIRA, M.K; VYGOTSKY, L.S. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo, Scipione, 1997.

OLIVEIRA. Z.R. Educação infantil/; muitos olhares. In. ANGOTTI. M. et AL (orgs) **Semeando o trabalho do docente**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

RODRIGUES. T.P. **O conto como contribuição para a formação de valores sociais durante o processo educativo**. 2010. 87 f. Dissertação (licenciatura de pedagogia)- faculdades INESC, 2010.

SILVA, Maria da Rosimi. **Interação em sala de aula: a atividade pedagógica de contar e recontar histórias**. 98 fl. Dissertação - (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Viçosa, 2012.

SILVA, V. D. **Contar histórias com e no corpo: práticas em pedagogia performativa na formação continuada docente**. 100 fl. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais da Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. Porto Alegre, Artmed, 1999.

SOUZA, M.S.D. **A Conquista do Jovem Leitor**: uma proposta alternativa. 2 ed. Florianópolis UFSC, 1998.

SOUZA, Marília Menezes Nascimento. **“Minha história conto eu”**: multiculturalismo crítico e cultura corporal no currículo da Educação Infantil. 292 fl. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2012.

TEIXEIRA, S.R.OI. **Jogos, Brinquedos, Brincadeiras e Brinquedoteca**: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Waked, 2010.

VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. **A imaginação na produção narrativa de crianças**: contando, recontando e imaginando histórias. 142 fl. Dissertação – (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, 2015.

VIERA, D.S. Imaginação em ação: criando e recriando histórias na Educação Infantil. **Com Censo – Estudos Educacionais do Distrito Federal**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 139-145, 2018.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

ZILBERMAN, R; LAJOLO.M. **Literatura infantil brasileira**: histórias e histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.

ZILBERMAN, R; MOYSÉS, S.M.A. Recuperando a alegria de ler e escrever. **Cadernos CEDES**, São Paulo, v.44, 2005.